

— *O porco* é fisicamente incapaz de olhar o céu.

Isso o Ricardo me disse quando a gente estava voltando do enterro do tio Ivan no carro da mãe, que dirigia de óculos escuros apesar de não fazer sol.

Eu tinha me comportado bem até então, segurando a minha onda, como diz o pai, mesmo quando a mãe e a tia Lídia e a vó se debruçaram sobre o caixão antes de o caixão ser levado para o lugar do cemitério onde o tio Ivan seria enterrado, ao lado do vô. E mesmo quando desceram o caixão com o tio Ivan dentro, e a mãe e a tia Lídia se abraçaram de um jeito que eu nunca tinha visto elas se abraçarem, uma encostando o pescoço no ombro da outra, como se elas fossem cair se não fizessem isso.

Aí a vó me deu a mão e disse:

— Tudo bem?

E fiz que sim com a cabeça, mas não conseguia tirar os olhos do caixão largado no fundo do buraco, bem junto das laterais de terra

molhada. E não conseguia pensar em nada direito, porque era como se eu estivesse no meio de um jogo novo, sem saber quais eram os obstáculos e o objetivo.

Então alguém atirou um pouco de terra no caixão, que foi como se desse autorização para que as outras pessoas fizessem o mesmo, e algumas pessoas jogaram flores, então a vó me ofereceu uma rosa para que eu também jogasse, mas sacudi a cabeça, e ela jogou a rosa, chegando muito perto da beira do buraco, e ficou parada ali como se tivesse descoberto um segredo, que era como se estivesse vendo o tio Ivan mexer a tampa do caixão, de modo que a vó parecia prestes a pular.

Aí puxei sua saia, e ela se virou para mim com os olhos bem estragados de lágrimas e disse:

— Tudo bem, meu amor?

O pai apareceu nessa hora, de terno e gravata, com o rosto branco e a boca meio aberta, como se não estivesse conseguindo respirar só pelo nariz. E abraçou a mãe e piscou o olho para mim.

Aí alguém começou a se afastar do buraco onde estava o caixão do tio Ivan, e de novo foi como se desse autorização para as outras pessoas fazerem o mesmo, e a vó e eu seguimos as pessoas, de mãos dadas.

Era a primeira vez que eu ia a um cemitério, porque o tio Ivan era a primeira pessoa que eu conhecia que morria, fora o vô, que morreu quando eu era muito novo, então não me lembro direito de como ele era, e é como se não valesse como Pessoa Que Eu Conhecia. E achei o cemitério bem mal-cuidado e pensei que não gostaria de passar a morte inteira naquele lugar.

Aí falei para a vó:

— Quando eu morrer, quero ser cremado.

E ela me apertou com força, de modo que pensei que eu tivesse dito alguma besteira, porque era como se a vó tivesse ficado com raiva, mas ela beijou a minha cabeça, e vi que eu não tinha dito nenhuma besteira.

Só que os túmulos chamavam a minha atenção mesmo quando eu me esforçava para não olhar para os lados, porque os túmulos pareciam tristes, embora eu saiba que as coisas não ficam tristes, porque só as pessoas e os bichos e talvez as plantas fiquem tristes, porque as plantas também são seres vivos, de modo que talvez fiquem tristes quando passam muito tempo sem ser regadas ou quando são levadas para morar longe da floresta, numa varanda.

Alguns túmulos eram lascados, e tinha lagartixas correndo por eles. E muitas cigarras gritavam como se estivessem reclamando do calor, ou de viver naquele cemitério, que era um cemitério empoeirado e feio.

E eu sabia que tinha que segurar a minha onda, mas mesmo assim perguntei à vó:

— O tio Ivan não quis ser cremado?

E, dessa vez, ela não me apertou nem beijou minha cabeça, o que eu preferia, e respondeu:

— Não, ele quis ficar com o seu avô.

Aí o pai nos alcançou no meio do caminho e despenteou o meu cabelo e perguntou:

— E aí, maestro?

Embora ele estivesse olhando para a vó.

E repeti:

— E aí?

Porque não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Então o pai falou para a vó que sentia muito, e a vó respondeu fazendo que sim com a cabeça, e a gente continuou andando de volta ao portão. E comecei a ler os nomes gravados nos túmulos.

HELOÍSA FREIRE BARBOSA

ROBERTO MENDES

ALZIRA COSTA MENDES

MAURO BASTOS

CÉLIA NASCIMENTO CARDOSO

MIRIAM LOBIANCO

JORGE GARCIA FRANCO

IRENE MENDONÇA FRANCO

E era sufocante pensar que aquelas pessoas um dia tinham existido e sentido frio e se divertido e estudado e criado bichos de estimação e chorado e matado o tempo e tido insônia e que agora estivessem enterradas para sempre, embora a vó já tivesse me explicado a diferença entre corpo e alma e eu soubesse que, na verdade, elas não estavam *mesmo* ali. Mas, de qualquer forma, era estranho.

Quando chegamos ao portão, eu estava com enxaqueca.

Esperei a mãe se aproximar com a tia Lúcia e pedi um remédio, que ela me deu sem prestar atenção no que fazia, porque, se a mãe estivesse prestando atenção no que fazia, teria visto que eu não tinha água, de modo que não poderia tomar o remédio. Mas achei melhor não exigir demais dela, porque eu costumava exigir muito e isso era péssimo.

Tentei controlar a enxaqueca pensando em coisas boas, como quando a gente vai para a casa da vó na serra ou quando o pai joga PlayStation comigo para distrair, porque a tia Lúcia disse que é possível controlar a dor com o poder da mente, que é um poder grande que nem dá para imaginar. Mas não estava dando certo.

Aí uma lagartixa apareceu no alto do primeiro túmulo e pareceu me encarar antes de entrar numa rachadura do concreto. E pensei que deve ser muito estranho ser uma lagartixa.

Quando a gente entrou no carro, a parte de fora do remédio já tinha derretido na palma da minha mão, e era como se aquilo que o Ricardo tinha acabado de dizer sobre os porcos piorasse tudo, porque eu não tinha mais jeito de pensar em coisas boas e controlar a dor, por mais que tentasse me lembrar da *Odeon* e por mais que tentasse me lembrar de qualquer clipe da Melhor Cantora do Mundo, porque só conseguia pensar em chiqueiros.

Aí abri a janela do carro e tentei respirar fundo algumas vezes, porque às vezes isso funcionava, e comecei a mexer os dedos nos joe-

.....(No presente).....

lhos para acompanhar a *Odeon*, enxergando dentro da minha cabeça a partitura, que começa assim:

The image shows a musical score for piano in G major (one sharp) and 2/4 time. The score is divided into four systems. The first system begins with a section marked 'S' and a dynamic marking of *mf*. The second system features a melodic line in the right hand with a slur and a dynamic marking of *mf*. The third system continues the piece with various articulations like accents and slurs. The fourth system includes first and second endings, marked with circled numbers 1 and 2.

Mas os porcos atrapalhavam, sem poder olhar o céu, e, antes que eu desse por mim, soltei um grito de maluco que fez a mãe dar uma guinada no carro, e todo mundo se virou para mim. E a mãe perguntou:

— O que foi, André?

E respondi:

— Estou com dor de cabeça.

E ela voltou a olhar para a frente e suspirou, cheia de impaciência, que era como se estivesse contando até dez. E procurou meu rosto pelo retrovisor, mas eu me abaixei, para me esconder, e ela disse:

— Eu já não te dei o remédio?

E respondi:

— Não tinha água.

E ela suspirou mais uma vez e levantou a cabeça e parecia prestes a chorar de novo, mas a tia Lídia abriu a bolsa e pegou uma garrafinha de plástico.

Quando a mãe deixou a tia Lídia e o Ricardo na frente do prédio deles, passei para o banco da frente, onde às vezes era muito bom passear, mas naquele dia não foi, porque as ruas não sabiam da morte do tio Ivan, e era como se nós não fôssemos bem-vindos. Só me senti melhor quando chegamos em casa, que sabia da morte do tio Ivan muito antes de ele morrer.



Assim que fechei o caderno, o Wolfgang pulou no meu colo, e fiz carinho atrás da orelha dele, porque era uma coisa que ele adorava, e são poucas as coisas que os gatos adoram.

Por isso a vó prefere cachorro.

Mas o pai não concordava que a gente tivesse cachorro em apartamento e não queria nem gato, porque bicho dá trabalho e muita despesa, então, por ele, a gente só teria o Johann e a Clementina, que vivem em silêncio no aquário e não precisam de nada além das pitadas de comida, sem nunca ficar doentes. Mas o Wolfgang apareceu no carro da vó, porque ela deixava as janelas abertas quando estacionava na casa da serra, e foi o que o pai chama de “conspiração metafísica”, o que quer dizer que nós não podíamos recusar.

A mãe bateu duas vezes na porta do meu quarto e entrou no meu quarto com o Nescau e deixou a xícara sobre o descanso de copo do Van Gogh, que foi um pintor holandês que não fez nenhum sucesso enquanto estava vivo e foi sustentado pelo irmão até se matar, aos 37 anos, que é uma história muito triste para alguém que fez coisas tão bonitas, como o quarto amarelo do descanso de copo.

Aí a mãe puxou o banco de madeira e se sentou ao meu lado e disse:

— Faz três dias que você não toca.

O Van Gogh era o que se chama de expressionista, que é alguém que pinta mais preocupado com o seu ponto de vista do que com o que está vendo. E eu gostava dos expressionistas.

A mãe perguntou:

— O que foi?

E respondi:

— Nada.

E ela perguntou:

— Você não quer tocar alguma coisa para a gente?

E respondi:

— Agora não.

E ela ficou olhando para mim por um bom tempo, aí olhou para o Wolfgang e passou a mão no focinho dele, e o Wolfgang desceu do meu colo porque ele não gosta que peguem no seu focinho. E agora eu não tinha onde botar as mãos.

Aí a mãe olhou para o meu caderno e ficou alisando a capa, mas não para tirar poeira, porque era só como se matasse o tempo enquanto pensava. E abriu na primeira página, e lembrei que talvez ainda desse para ler o BICHINHA que alguém tinha escrito a lápis, porque, por mais que eu tivesse apagado, as letras tinham ficado marcadas no papel, e eu quase não conseguia respirar direito, porque a mãe ia ficar muito aborrecida, e o que eu menos queria era que ela ficasse ainda mais aborrecida do que já estava por causa da morte do tio Ivan, apesar de eu saber que uma desgraça nunca vem só e de ela também saber disso, porque foi ela que me ensinou.

A mãe alisava o caderno sem olhar para ele nem para mim, como se estivesse brincando do jogo de não piscar, mas o estranho era que, quando a mãe brincava do jogo de não piscar, ela não conseguia ficar sem piscar tanto tempo, e eu sempre ganhava.

Aí ela olhou de repente para o caderno e perguntou:

— O que você está estudando?

E eu disse:

— Já acabei.

E ela começou a ler o alto da página e perguntou:

— O que você estava estudando?

De modo que eu queria que o telefone tocasse ou que o pai chegasse em casa ou que a Luzia batesse na porta, mas nada disso aconteceu. E respondi:

— História.

Aí a mãe ficou com os olhos bem grudados na página, mas não sei se estava lendo ou se estava só matando o tempo enquanto pensava, ou se tinha enxergado as letras marcadas e não sabia o que dizer.

E comecei a rezar na minha cabeça, pedindo a Deus que isso não tivesse acontecido e que não acontecesse, mesmo sem saber se era pecado rezar para pedir isso, porque a vó tinha dito que era pecado rezar para pedir besteira quando tinha tanta gente sofrendo com doenças sérias e passando fome, só que para mim não parecia besteira e corri o risco de cometer um pecado. De modo que fiz uma promessa, prometendo rezar vinte pais-nossos se a mãe não tivesse lido e não lesse o BICHINHA do caderno.

E a mãe perguntou:

— Você quer conversar?

E eu não sabia se ela estava se referindo ao BICHINHA do caderno, porque não sabia se ela tinha lido o BICHINHA do caderno, porque seu rosto não estava muito diferente de quando ela entrou no quarto. Mas eu não queria conversar sobre isso nem sobre nada e respondi:

— Não.

E ela fechou o caderno e despenteou o meu cabelo e perguntou:

— Amanhã você toca alguma coisa para mim?

E respondi:

— Talvez.

Aí ela disse:

— Não fica acordado até tarde.